

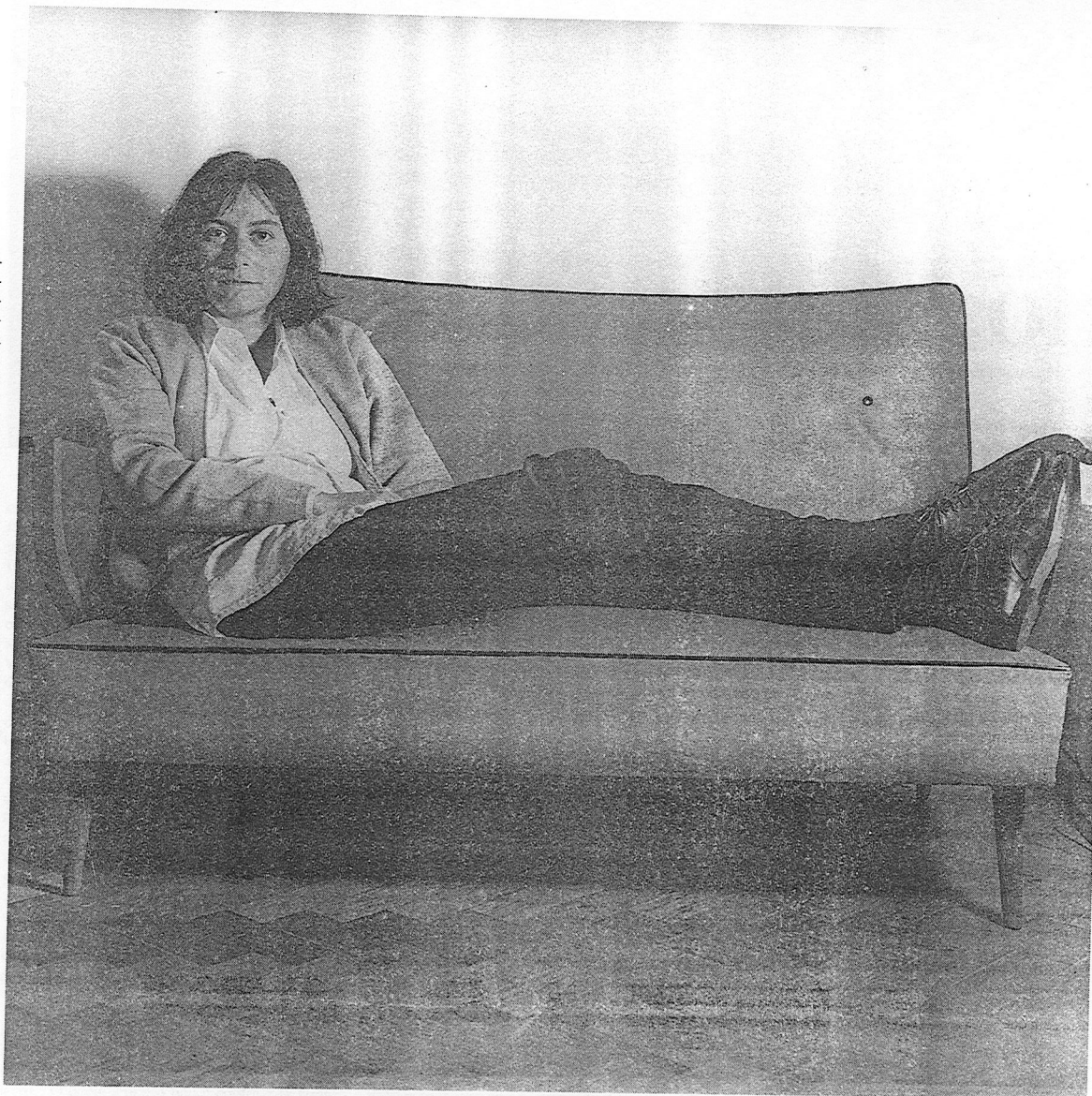
As imagens falam por ela



**Paulo
Anunciação**
conversa com
**Mariana
Otero**

No final dos 60 minutos de documentário, num painel negro com as letrinhas em branco, Mariana agradece à direcção, ao pessoal e aos colaboradores externos da SIC por toda a paciência e a liberdade que lhe concederam. Agradece ainda, e "muito especialmente" - lê-se no painel seguinte, igualmente sóbrio e solene - "a Monsieur Emídio Rangel, director de programação e de informação da SIC". Mariana tem mil razões para se sentir especialmente agradecida. Quando ela teve a ideia de fazer "Cette télévision est la vôtre", um documentário sobre a forma como são tomadas as decisões dentro de uma televisão comercial, não contava realmente com tamanha receptividade. Para mais, tão imediata. "Se tivesse pedido à TFI francesa, por exemplo, tenho a certeza absoluta de que a resposta seria negativa", diz ela. "Fiquei completamente surpreendida quando o dr. Rangel disse que sim. Tinha preparado uma série de argumentos e de respostas. Fui para a reunião, expliquei-lhe o meu projecto mas dez minutos depois ele estava a dizer que sim, o projecto é muito interessante e você tem as portas abertas".

Ele, obviamente, deve ter-se arrependido. O documentário retrata de uma forma magistral o modo como a estação - melhor dizendo, o modo como Emídio Rangel, rei e senhor todo-poderoso - escolhe, programa e contra-programa o que exhibe. "Cette télévision est la vôtre" foi difundido, primeiro, por satélite e por cabo através do canal Arte. A crítica francesa, do conservador "Figaro" aos "Le Monde" e "Libération", bateu palmas e distribuiu estrelas. Os jornais dedicaram páginas ao documentário, ilustradas com fotografias do "Big Show" de Baião. Fizeram-se comparações com os outros canais comerciais europeus, nomeadamente o TFI do grupo Bouygues. Os críticos interrogaram-se como foi possível que uma empresa que disputa um mercado tão competitivo abrisse totalmente as suas portas a estranhos e revelasse os seus segredos internos. Mariana, ob-



porque as televisões não pagam tanto como por um filme. Mas isso também me dá mais liberdade. Eu não gostava de trabalhar em equipa, tinha de aturar o assistente do assistente, etc. Assim tenho mais controlo sobre o produto final. Além disso há também o lado militante da coisa: o documentário permite-me trabalhar com a realidade".

Comparado com os três anos gastos com "La loi du collège" (um ano de preparativos, um ano de filmagens diárias, um ano de montagem), "Cette télévision est la vôtre" foi um dos documentários que lhe tomaram menos tempo. "Foi demasiado rápido", diz Mariana. Passou dois meses e meio em Carnaxide com a câmara de nove quilos aos ombros. Foi bem recebida por toda a gente, que cedo se habituou à sua presença nas salas e nos estúdios da SIC. "Às vezes era preciso ter muita paciência. Sabíamos das reuniões que iam ter lugar na SIC e esperávamos no corredor - uma, duas, às vezes cinco horas. As pessoas pensavam que nós éramos loucos". Gravou 60 horas de filme. Seguiram-se seis meses na mesa de montagem, para chegar aos 60 minutos de produto final. "O meu bebé foi concebido no início da montagem e nasceu um mês depois de eu terminar o filme", ri-se ela, com o filho Mateus, de quatro meses, nos braços. "Vai ser um bebé completamente SIC".

A ideia para este documentário nasceu, apropriadamente, num estúdio de televisão. Mariana Otero tinha acabado de terminar "La loi du collège" e foi uma das convidadas num grande debate na Antenne 2. "Fiquei alucinada. A televisão em directo, tudo aquilo, e comeci a pensar como seria interessante fazer um documentário sobre a tv. Não sobre a vida de uma tv - acho que isso seria um pouco folclórico. Mas mostrar como é que se tomam as decisões, como é que se acompanham as audiências, a relação com a publicidade. Perceber porque é que estamos a ver isto a esta hora e não outra coisa qualquer".

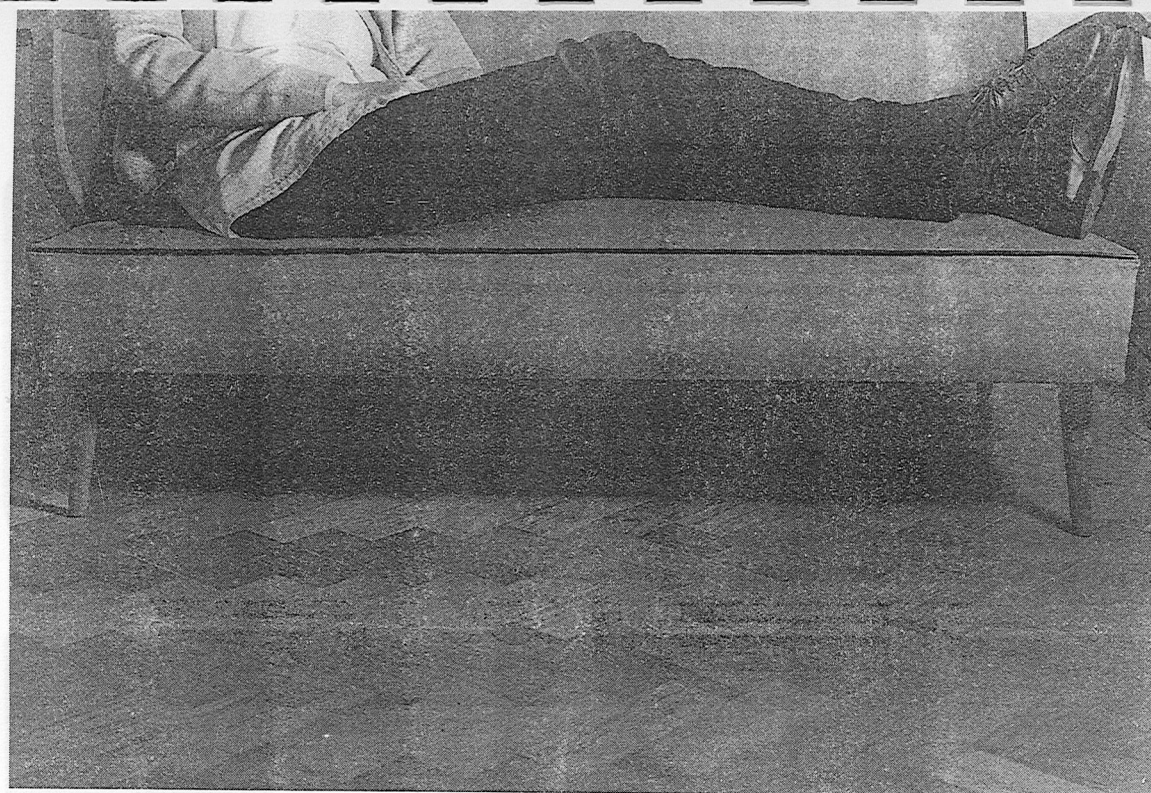
mação e de informação da SIC". Mariana tem mil razões para se sentir especialmente agradecida. Quando ela teve a ideia de fazer "Cette télévision est la vôtre", um documentário sobre a forma como são tomadas as decisões dentro de uma televisão comercial, não contava realmente com tamanha receptividade. Para mais, tão imediata. "Se tivesse pedido à TFI francesa, por exemplo, tenho a certeza absoluta de que a resposta seria negativa", diz ela. "Fiquei completamente surpreendida quando o dr. Rangel disse que sim. Tinha preparado uma série de argumentos e de respostas. Fui para a reunião, expliquei-lhe o meu projecto mas dez minutos depois ele estava a dizer que sim, o projecto é muito interessante e você tem as portas abertas".

Ele, obviamente, deve ter-se arrependido. O documentário retrata de uma forma magistral o modo como a estação - melhor dizendo, o modo como Emídio Rangel, rei e senhor todo-poderoso - escolhe, programa e contra-programa o que exhibe. "Cette télévision est la vôtre" foi difundido, primeiro, por satélite e por cabo através do canal Arte. A crítica francesa, do conservador "Figaro" aos "Le Monde" e "Libération", bateu palmas e distribuiu estrelas. Os jornais dedicaram páginas ao documentário, ilustradas com fotografias do "Big Show" de Baião. Fizeram-se comparações com os outros canais comerciais europeus, nomeadamente o TFI do grupo Bouygues. Os críticos interrogaram-se como foi possível que uma empresa que disputa um mercado tão competitivo abrisse totalmente as suas portas a estranhos e revelasse os seus segredos internos. Mariana, obviamente, não tem culpa. De um momento para o outro (curiosamente, no preciso momento em que a SIC passou a ser difundida por assinatura em França), o génio de Monsieur Rangel pôde ser apreciado por todos os franceses. Como ele deve estar arrependido.

A FRANCESA Mariana Otero nasceu na cidade de Rennes, na Bretanha. O apelido espanhol deve-o ao avô Antonio, revolucionário madrileño que combateu as forças de Franco durante a Guerra Civil. Era um jornalista conhecido (entre as suas glórias conta-se a última entrevista dada pelo poeta Federico Garcia Lorca). Depois da guerra esteve preso várias vezes e viveu durante anos na clandestinidade até que, em 1948, se exilou em França. Foi professor de espanhol e colaborador de jornais como o "Le Monde". A família - mulher e três filhos - só conseguiu juntar-se a ele dez anos mais tarde. Quando Franco deixou.

Com tantos outros jovens da província, Mariana mudou-se para Paris. Tinha 20 anos e um projecto: trabalhar em cinema. "Desde os 13 que tinha esse sonho", diz ela, sentada no seu apartamento do bairro da Estrela, em Lisboa. O vídeo e o aparelho de televisão ocupam um lugar de destaque na sala. Mas, em Rennes, os pais - mãe francesa, pai espanhol - odiavam a televisão e o poder que ela pode ter. Nada de tv em casa. Mariana passava os sábados nos cinemas da cidade. Jean-Luc Godard era um Deus e filmes como "Le Pierrot Fott" ou "Le Mépris" eram as obras-primas. Foi sobre este cineasta, precisamente, que ela escreveu a sua tese de mestrado.

Quando terminou o curso do IDHEC, a escola nacional de cinema, em Paris, Mariana não pensava dedicar-se totalmente aos documentários. Tomou-lhe o gosto quando trabalhou na montagem de alguns. "Foi só depois do curso que des-



CEU GUARDA

cobri o género do documentário. Fiz a montagem de alguns. Ou melhor, como diz o Baptista-Bastos, fiz a colagem de alguns documentários", ri-se ela. O escritor português entrevistou-a na semana passada para o programa "Conversas Faladas" e, no meio das habituais demonstrações de cultura, modéstia pessoal, dedicação ao patrão, etc., teve tempo, sobretudo, para pôr em causa o trabalho da francesa. Que ela tinha mostrado uma fatia da história da SIC. Que se tinha limitado a colar as partes que lhe interessavam. Que não falara dos setepremios-sete que a estação conseguira em cinco-anos-cinco. Que se esquecera de mostrar os méritos, indiscutíveis, da informação da SIC. A tudo isso ela respondia, de sorriso nos lábios. Tentava explicar. Mas B.B. não entendia. "Algumas pessoas não percebem que a minha intenção nunca foi fazer um retrato da SIC. Não digo se os programas da SIC são bons ou são maus. O objectivo do trabalho foi mostrar como se tomam as decisões no interior de um canal de televisão comercial como a SIC. O documentário não é contra a tv comercial. Aliás, isso seria um pouco estúpido, já que vivemos numa sociedade capitalista".



A diablesse Otero agitou, como ninguém, o nosso querido PAL - o Panorama Audiovisual Lusitano. A nata da nossa inteligentsia ficou chocada com o que viu. Choveram as críticas e as contracríticas

tos) sobre os problemas disciplinares de um liceu nos arredores de Paris. Foi transmitido pelos canais Arte e Planete e recebeu, tal como o "Non-Lieux", vários prémios.

EM TODOS estes documentários, como no "Cette télévision est la vôtre", Mariana Otero trabalhou praticamente sozinha, de câmara na mão, gravando horas atrás de horas de filme (a única pessoa que a acompanha é um operador de som). Muitas vezes não é fácil conseguir a autorização para a realização. Com a SIC foi uma questão de minutos, como se viu, mas para "La loi du collège", por

exemplo, Mariana gastou mais de um ano a percorrer os liceus da área de Paris, à procura de uma escola que quisesse colaborar. Depois de meses de preparação, seguem-se meses de filmagens e mais meses, por fim, de montagem. Fazer um documentário é uma maratona, um trabalho de longa distância para o qual nem toda a gente tem pernas ou estômago. "Quem faz um documentário fá-lo por gosto. E eu gosto muito de fazer documentários", assegura-me ela, com um brilho nos olhos. "O documentário é um género menor. Não se ganha dinheiro,

Comparado com os três anos gastos com "La loi du collège" (um ano de preparativos, um ano de filmagens diárias, um ano de montagem), "Cette télévision est la vôtre" foi um dos documentários que lhe tomaram menos tempo. "Foi demasiado rápido", diz Mariana. Passou dois meses e meio em Carnaxide com a câmara de nove quilos aos ombros. Foi bem recebida por toda a gente, que cedo se habituou à sua presença nas salas e nos estúdios da SIC. "Às vezes era preciso ter muita paciência. Sabíamos das reuniões que iam ter lugar na SIC e esperávamos no corredor - uma, duas, às vezes cinco horas. As pessoas pensavam que nós éramos loucos". Gravou 60 horas de filme. Seguiram-se seis meses na mesa de montagem, para chegar aos 60 minutos de produto final. "O meu bebé foi concebido no início da montagem e nasceu um mês depois de eu terminar o filme", ri-se ela, com o filho Mateus, de quatro meses, nos braços. "Vai ser um bebé completamente SIC".

A ideia para este documentário nasceu, apropriadamente, num estúdio de televisão. Mariana Otero tinha acabado de terminar "La loi du collège" e foi uma das convidadas num grande debate na Antenne 2. "Fiquei alucinada. A televisão em directo, tudo aquilo, e comecei a pensar como seria interessante fazer um documentário sobre a tv. Não sobre a vida de uma tv - acho que isso seria um pouco folclórico. Mas mostrar como é que se tomam as decisões, como é que se acompanham as audiências, a relação com a publicidade. Perceber porque é que estamos a ver isto a esta hora e não outra coisa qualquer".

Ela poderia ter contactado vários outros canais comerciais de sucesso, na Europa, mas preferiu a SIC por uma razão óbvia: Mariana, de 33 anos, vive em Portugal desde Dezembro de 1994. Nesse mesmo ano conheceu Adolfo Macedo, aliás Adolfo Luxúria Canibal, o vocalista e mentor do grupo português Mão Morta. "Encontrámo-nos em Paris num bar de um amigo de um amigo de um amigo. Ficámos sentados um ao lado do outro. Ele estava de passagem por Paris. Depois encontrámo-nos outra vez numa festa", recorda Mariana. Poucos meses depois ela mudava-se de armas e bagagens para Portugal, um país de "pessoas tristes e melancólicas". "Acho os portugueses um pouco estranhos. Quer dizer, são muito simpáticos, muito gentis. Mas vivem um pouco na Lua. No mundo da poesia. São pouco agarrados à realidade. Se calhar é por causa disso que há poucos documentários na televisão portuguesa".

Essa foi uma das razões, segundo ela, que transformaram "Cette télévision est la vôtre" num assunto de debate nacional. A diablesse Otero agitou, como ninguém, o nosso querido PAL - o Panorama Audiovisual Lusitano. A nata da nossa inteligentsia ficou chocada com o que viu. Choveram as críticas e as contra-críticas. Acusaram-na de estar ao serviço de lobbies. Houve lugar, inclusive, a um editorial de mais de quatro minutos de Emídio Rangel, na sua estação. "As pessoas não estão habituadas a ver documentários em Portugal", diz ela. Não estão, certamente, habituadas ao estilo Otero: filmes onde se mostram episódios reais, onde a realidade é mostrada tal qual é. Sem vozes-oft. Sem o discurso de um jornalista que explica às pessoas o que elas estão a ver. "As imagens falam por si. Tem mais força ver o dr. Rangel a telefonar para o Brasil do que pôr um jornalista a contar a história", diz. Oh, mas como ele deve estar arrependido.